



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 15/06/2018 a 21/06/2018

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
15/06/2018	9,05	338,90	29,50	4,99	3,61
18/06/2018	9,08	335,50	29,57	4,90	3,56
19/06/2018	8,89	334,50	28,85	4,77	3,53
20/06/2018	8,89	333,20	29,37	4,88	3,54
21/06/2018	8,80	331,80	29,19	4,95	3,57
<b>Média</b>	<b>8,94</b>	<b>334,78</b>	<b>29,30</b>	<b>4,90</b>	<b>3,56</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos  
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos  
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

**Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	Média*	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	76,50	ND
RS - Santa Rosa	76,00	ND
RS - Ijuí	76,00	ND
PR - Cascavel	77,00	ND
MT - Rondonópolis	68,00	ND
MS - Ponta Porã	69,50	ND
GO - Rio Verde (CIF)	69,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	65,00	ND
<b>MILHO</b>		
Argentina (FOB)**	166,00	ND
Paraguai (FOB)**	160,00	ND
Paraguai (CIF)**	175,00	ND
RS - Erechim	40,00	ND
SC - Chapecó	38,00	ND
PR - Cascavel	36,00	ND
PR - Maringá	36,00	ND
MT - Rondonópolis	25,00	ND
MS - Dourados	28,00	ND
SP - Mogiana	37,00	ND
SP - Campinas (CIF)	39,00	ND
GO - Goiânia	31,00	ND
MG - Uberlândia	35,50	ND
<b>TRIGO (***)</b>		
RS - Carazinho	900,00	ND
RS - Santa Rosa	900,00	ND
PR - Maringá	1.150,00	ND
PR - Cascavel	1.050,00	ND

Período: 20/06/2018

ND = Não Disponível.

(\*) Semanal

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço

médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 21/06/2018**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	36,03	70,63	41,05

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 21/06/2018**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	36,86
Feijão (saco 60 Kg)	130,81
Sorgo (saco 60 Kg)	24,67
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,11
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,07
Boi gordo (Kg vivo)*	4,97

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago mais uma vez despencaram nesta semana, rompendo o piso dos US\$ 9,00/bushel e fechando a quinta-feira (21) em US\$ 8,80. Vale destacar que, num fato raro, em apenas duas semanas Chicago rompeu dois pisos de resistência (no dia 06/06 o piso dos US\$ 10,00/bushel e no dia 19/06 o piso dos US\$ 9,00). As atuais cotações, para o primeiro mês, não eram vistas desde o dia 14/03/2016, portanto, há mais de dois anos. Por sua vez, o farelo de soja recuou para US\$ 333,20/tonelada curta no dia 20 de junho, algo que não era visto desde fevereiro passado, enquanto o óleo de soja veio a 28,85 centavos de dólar por libra-peso no dia 19 de junho, fato que não ocorria desde o dia 27/11/2015. Somente nos primeiros 14 dias úteis deste mês de junho o bushel de soja em Chicago perdeu 12,9% de seu valor.

Os motivos para tal recuo continuam os mesmos. De um lado o litígio comercial entre China e EUA, o qual começa a chegar a um ponto de execução das ameaças tarifárias, fato que tira competitividade da soja estadunidense. De outro lado, a continuidade de um clima muito bom nos EUA, com o plantio da nova safra já encerrado.

Quanto ao litígio comercial, no dia 15 de junho o governo dos EUA estabeleceu a data de 06/07 para implementar as tarifas sobre os produtos chineses, num total de US\$ 34 bilhões. Posteriormente, a ideia é chegar a atingir US\$ 50 bilhões das importações procedentes da China. Durante esta semana, o presidente Trump colocou mais gasolina na fogueira ao indicar que as tarifas podem atingir a todos os produtos importados da China, em um total de US\$ 550 bilhões. Embora sendo difícil de isto ocorrer, o fato de ter sido especulado já bastou para o mercado continuar descendo. Isto porque, em contrapartida, a China informou que a partir do dia 06/07 irá impor 25% de tarifa sobre 545 produtos que importa dos EUA. O mercado acredita que a soja será um deles, além de outros produtos agrícolas, automóveis, peixes e frutos do mar. Além disso, os chineses indicaram que, em data futura, outros 114 produtos serão igualmente taxados, atingindo áreas como o setor químico, médico e de energético. Neste caso, a China surpreendeu o mercado ao informar que poderá taxar as importações de petróleo e gás natural.

Pelo lado do clima, até o dia 17/06 as condições das lavouras estadunidenses de soja apresentavam 73% entre boas a excelentes, 22% regulares e apenas 5% entre ruins a muito ruins (6% na semana anterior).

Em tal contexto, os Fundos venderam ainda mais posições, ficando agora com apenas 12 mil contratos comprados, fato que indica, para logo mais, uma reversão no quadro, passando os mesmos às compras, podendo estancar a baixa em Chicago e, até mesmo, provocar certa recuperação nas cotações. Todavia, se os fatores estruturais indicados acima continuarem, a recuperação será de curto prazo e apenas devido ao movimento especulativo destes Fundos.

Mais próximo do Brasil, a Argentina praticamente concluiu sua colheita de soja e o número final colhido deverá ficar em 36 a 37 milhões de toneladas, confirmando uma das maiores frustrações de safra da história do país no que diz respeito a esta oleaginosa.

Já no Brasil, os preços dos lotes melhoraram um pouco na medida em que o Real voltou a se desvalorizar durante a semana, tendo atingido, em alguns momentos, a R\$ 3,78 por dólar. Assim, a forte queda em Chicago foi atenuada um pouco. Igualmente ajudou para a melhoria do preço interno a nova elevação nos prêmios nos portos nacionais, a partir da crise sino-estadunidense. Estes prêmios fecharam a semana entre US\$ 1,23 e US\$ 1,72/bushel, para o mês de julho.

Assim, a média no balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 70,63/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 76,00 e R\$ 76,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 62,50 em Querência (MT) e R\$ 78,00/saco no norte e centro do Paraná, passando por R\$ 63,00 em Chapadão do Sul e São Gabriel (MS); R\$ 67,00 em Goiatuba (GO) e Pedro Afonso (TO); R\$ 68,00 em Uruçuí (PI); e R\$ 77,50 em Campos Novos (SC).

Vale ainda destacar que a projeção de safra em 2018 está mantida em 119,4 milhões de toneladas, com exportações ao redor de 70,8 milhões e esmagamento interno em 43,2 milhões de toneladas. Isso resultará em uma produção de 32,9 milhões de toneladas de farelo de soja, com exportações em 16,8 milhões deste subproduto. Já em óleo de soja o país produziria 8,5 milhões de toneladas, com exportações ao redor de 1,2 milhão de toneladas (cf. Safras & Mercado).

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente recuaram durante esta semana, fechando a quinta-feira (21) em US\$ 3,57/bushel, contra US\$ 3,63 uma semana antes. Nos primeiros 14 dias úteis de junho as mesmas recuaram 9,5%.

O quadro climático favorável para o desenvolvimento das lavouras de milho nos EUA tem puxado para baixo Chicago. E no curto prazo não há sinais de que tal quadro se modificará. Por sua vez, as vendas líquidas de milho por parte dos EUA somaram 936.400 toneladas na semana encerrada em 07/06, ficando apenas 2% acima da média das quatro semanas anteriores.

Embora tais vendas sejam consideradas normais, o fato é que existem altos estoques nos EUA, pressionando o mercado antes da entrada da nova safra de verão, a partir de setembro. Neste contexto, o mercado espera com interesse o relatório de área efetivamente semeada neste verão nos EUA, o qual está previsto para o dia 29/06. Provavelmente não houve transferência de área do milho para a soja, fato que conforta a possibilidade, em clima normal, de a colheita naquele país ser normal.

Ajudou ao cenário baixista a informação de que, até o dia 17/07 as condições das lavouras entre boas a excelentes atingiam a 78% do total, melhorando um pouco em relação a semana anterior.

Uma das poucas possibilidades de melhoria no preço do milho estadunidense vem do Brasil, onde as tradings estariam com dificuldades para exportar o cereal devido a indefinição na tabela dos fretes. Isso tende a deslocar o interesse importador para o cereal norte-americano.

Como já comentado em vezes anteriores, o litígio comercial entre EUA e China não atinge muito o milho, porém, as exportações de etanol, fabricado a partir do milho nos EUA, podem ser atingidas por tarifas chinesas, provocando distúrbios no mercado do cereal. Além disso, o trigo cedeu bastante nesta semana em Chicago, puxando o milho igualmente. Já há pressão dos produtores estadunidenses para obterem cobertura indenizatória devido ao recuo dos preços provocados por uma questão política contra a China.

Já na Argentina e no Paraguai, a tonelada FOB de milho fechou a semana na média de US\$ 166,00 e US\$ 150,00 respectivamente.

Aqui no Brasil, os preços do milho cederam, dando a entender que o mercado teria alcançado, para o momento, seus limites de alta. Houve até recuo forte nos preços em algumas regiões do país, especialmente porque as exportações não deslançam, enquanto a safrinha, mesmo menor, começa a ser colhida e entra no mercado.

De fato, as exportações do cereal nacional, até o final da terceira semana de junho, indicavam apenas 87.000 toneladas vendidas ao exterior no mês junho, contra 563.000 toneladas em todo o mês de junho de 2017. Por outro lado, a colheita da safrinha brasileira chegava a 3% da área total semeada em 15/06, contra 5% em igual momento do ano passado. A área plantada teria ficado em 10,4 milhões de hectares no Centro-Sul brasileiro, resultando em um recuo de 9,6% sobre a área do ano passado.

No geral, o mercado refaz seus cálculos e passa a considerar que, se as exportações não retomarem (as mesmas não andam nem mesmo com a forte desvalorização do Real, impactadas que estão quanto a indefinição da tabela de fretes), a quebra esperada na safrinha poderá ser absorvida pelos estoques que tendem a permanecer no país, oriundos da safra de verão e do ano passado.

Assim, enquanto a média no balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 36,03/saco, os lotes recuaram para valores entre R\$ 39,00 e R\$ 40,00/saco. Nas demais praças os lotes oscilaram entre R\$ 20,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 38,50/saco em Videira (SC). Com isso, em relação às semanas anteriores há regiões com perdas entre 2 a 4 reais por saco nesta semana. Já o disponível na Sorocabana paulista ficou em R\$ 36,50 a R\$ 37,50/saco, enquanto o referencial Campinas trabalhou ao redor de R\$ 40,00/saco no CIF. No porto de Santos o saco de milho, para agosto e setembro, ficou cotado a R\$ 39,40, embora o contrato de setembro tenha registrado apenas R\$ 37,30.

Os efeitos da greve dos caminhoneiros, especialmente em torno da indefinição da tabela de fretes, vêm causando problemas sérios ao mercado do milho. Além disso, o mercado começa a avaliar que a oferta geral do cereal não deverá apresentar problemas se a safrinha confirmar, pelo menos, o volume estimado até o momento, que é de 48,8 milhões de toneladas no Centro-Sul brasileiro.

Para complicar o quadro de curto prazo, a reunião entre STF e os representantes das entidades envolvidas na formatação da tabela de fretes não chegou a um consenso, com o ministro do STF mantendo as ações contra o tabelamento bloqueadas até o dia 28/06. "Se até lá as partes não encontrarem um entendimento as ações serão liberadas para o trâmite normal e uma nova audiência pública foi marcada para o dia 27 de

agosto. Isto indica que a solução para o tabelamento ocorrerá via STF e pelas ações impostas pelos agentes de mercado nos últimos dias.” (cf. Safras & Mercado)

Por outro lado, os negócios de natureza mais de longo prazo estarão dependendo do ritmo das exportações nacionais, os quais, espera-se, venham a melhorar a partir de julho. Por sua vez, no mercado interno grande parte dos consumidores estariam com estoques baixos, esperando a entrada da safrinha com mais intensidade e um possível arrefecimento dos preços internos.

Dito isso, não se descarta a possibilidade de os produtores reterem, após a colheita, parte do milho safrinha esperando melhores preços até a entrada da futura safra de verão. Neste contexto, ainda pesa sobre a safrinha a possibilidade de novos problemas climáticos que venham a reduzir o volume esperado em algumas regiões onde o plantio foi mais tardio.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram mais uma vez, fechando a quinta-feira (21) em US\$ 4,95/bushel, contra US\$ 5,01 uma semana antes e US\$ 4,88 na véspera. Entre o melhor preço de junho (US\$ 5,34 em 12/06) e os US\$ 4,88 do dia 20/06, o recuo é de 8,6% em seis dias úteis.

As quedas iniciaram após os Fundos liquidarem posições compradas. Colaborou para isso as fracas exportações dos EUA. Ma semana encerrada em 07/06 o volume final ficou em apenas 302.300 toneladas, com o Brasil adquirindo 33.000 toneladas deste total.

Paralelamente, preocupações em relação ao litígio comercial entre China e EUA acabaram alimentando o lado negativo do mercado, pois tal guerra comercial poderá causar prejuízos às exportações de trigo estadunidenses.

Além disso, a colheita do trigo de inverno nos EUA, até o dia 17/06, chegou a 27% da área total, ficando bem acima da média histórica que é de 19% para esta época do ano.

Já no Mercosul, a tonelada FOB para exportação oscilou entre US\$ 250,00 e US\$ 260,00 na compra, acusando um recuo em relação às semanas anteriores. Para a safra nova a tonelada ficou ao redor de US\$ 190,00.

Por sua vez, no Brasil o preço médio de balcão gaúcho estacionou, fechando a semana em R\$ 41,05/saco. Já nos lotes o produto ficou em R\$ 54,00/saco. No Paraná, os lotes R\$ 63,00 e R\$ 69,00/saco, enquanto no balcão os valores oscilaram entre R\$ 41,50 e R\$ 43,00/saco. Enfim, em Santa Catarina os lotes, na região de Campos Novos, ficaram em R\$ 60,00/saco, enquanto o balcão girou entre R\$ 38,00 e R\$ 40,00/saco nas regiões produtoras do Estado.

Moinhos de menor porte estão mais presentes no mercado, tentando refazer estoques e, com isso, mantém os preços elevados. Afora isso, a nova desvalorização do Real

durante a semana ajudou a tornar mais caras as importações, mesmo com o preço médio no Mercosul recuando um pouco. Enquanto o câmbio, no Brasil, se manter nos atuais níveis, será difícil os preços do trigo cederem nesta entressafra.

Todavia, o plantio da nova safra avança bem e o clima, por enquanto, está positivo, permitindo esperar uma safra normal. Este fato poderá forçar uma baixa nos preços do trigo nacional a partir de setembro próximo. No Rio Grande do Sul o plantio chega ao redor de 55% da área, enquanto no Paraná o mesmo atinge a quase 90%.

Enfim, o viés de preços permanece em alta para o trigo brasileiro, porém, chegando a certo limite. O quadro tende a uma estabilização nos atuais níveis, salvo uma desvalorização do Real ainda mais forte e/ou a problemas climáticos que venham a prejudicar novamente a safra deste ano, após as fortes quebras registradas no ano passado.